ANTÓNIO DA COSTA LOPES
DOUTOR EM FILOSOFIA
PROFESSOR

OS DOMINICANOS E A FILOSOFIA

BRAGA
1 9 6 6

BARCELOS
1.2
OP

OS DOMINICANOS E A FILOSOFIA

Do mesmo autor:

Gomes Pereira. Estudo bio-bibliográfico. Barcelos, 1950.

Pequena história dum grande seminário. Braga, 1950. Esgotado.

Gil Vicente e o papa. Braga, 1965 (2.ª edição).

Realismo do senso comum e realismo da ciência na filosofia de Meyerson. Braga, 1959.

Martim de Ginzo, jogral português. Braga, 1963 (2.ª edição).

Meyerson e a teoria do conhecimento. Braga, 1961.

O pessimismo filosófico de António Feijó. Braga, 1962.

A naturalidade portuguesa do jogral Martim de Ginzo. Anotações críticas. Braga, 1964.

Existencialismo e literatura. Braga, 1965.

ANTÓNIO DA COSTA LOPES
DOUTOR EM FILOSOFIA
PROFESSOR

OS DOMINICANOS E A FILOSOFIA

C. M. B.
BIBLIOTECA MUNICIPAL
BARCELOS
N.º 28629

Perm. Barcelona

BRAGA
1 9 6 6

28251

Em 22 de Dezembro de 1216, o papa Honório III confirmou solenemente a Ordem Dominicana.

Comemorando o 750.º aniversário dessa aprovação, publicou o jornal Novidades, *de Lisboa, um número especial.*

O presente escrito, embora redigido expressamente para esse número, foi publicado ao mesmo tempo em Braga, na revista Cenáculo.

São extraídas desta última as páginas que se seguem.

Dezembro de 1966.

O AUTOR

I

«UMA IRMANDADE DE FILÓSOFOS»

O primeiro ministro da educação da Europa: assim se tem chamado a S. Domingos de Gusmão.

Mas, para ser qualquer coisa como isso, não bastava a formação intelectual do antigo estudante e professor castelhano de Palença: era também preciso um conhecimento exacto da sociedade europeia do seu tempo, uma visão larga e certeira dos grandes problemas e necessidades de então, fino sentido da conveniência das soluções e dos processos a adoptar, e um espírito organizador que soubesse recrutar idóneos colaboradores e continuadores da obra iniciada. Ora em S. Domingos não concorriam só estes predicados todos: circunstâncias várias, de lugar e de tempo, haviam-lhe mostrado, não só quanto era urgente pôr os seus dotes a render, mas também a direcção exacta em que os havia de orientar.

Recordemos, a propósito, que Averróis, o filósofo árabe, faleceu em 1198, e o hebreu Maimónides em 1204. Nascido aí por 1170, S. Domingos foi, portanto, contemporâneo dos dois, além de ser, como eles, ibérico de nascimento. Estudando e ensinando no acreditado centro intelectual que então era Palença, não podia, pois, desconhecê-los nem ficar indiferente ao suspeito influxo que ambos poderiam vir a exercer no pensamento cristão. Designadamente no que concerne ao averroísmo, tratava-se de uma doutrina oposta aos ensinamentos da fé cristã, que não apenas à recta filosofia (assim o disse, mais tarde, S. Tomás de Aquino em seu opúsculo **De unitate intellectus contra Averroistas,** acrescentando que o filósofo árabe «foi mais um corruptor da filosofia peripatética do que um peripatético» verdadeiro).

Mas a necessidade e a urgência de um apostolado fortemente doutrinal, ia S. Domingos vê-las, com mais clareza ainda, nos dez anos que passou no Linguadoque. Aí, no seu contacto com a heresia albigense, viu ele, por experiência própria, que a obra da conversão dos hereges não requeria só a pregação do exemplo nem se compadecia com arrazoados simplistas ou desajeitadamente medíocres: eram necessários pregadores doutos.

Assim se foi gizando na mente do seu fundador e assim apareceu a instituição dominicana: era a «Ordem dos Pregadores» ou, se quisermos, a «Ordem dos Doutores» — **Ordo Doctorum** —, como também foi designada pela tradição eclesiástica e até pelo direito canónico. E assim se compreende que, logo desde os seus alvores, a Ordem tivesse como principais e predilectos campos de actividade os maiores centros universitários de então — Paris e Bolonha, nomeadamente.

Nesta linha de ideias, vale a pena citar ainda a grande figura intelectual de Jordão da Saxónia, que em 1222 sucedeu, no governo da Ordem, a S. Domingos, falecido no ano precedente. É que, no segundo mestre geral dos Pregadores, não brilhava ùnicamente o prestígio da virtude, justificativo do culto que ainda hoje se lhe rende: o Beato Jordão foi nada menos que um mestre insigne da universidade parisiense, um verdadeiro letrado, um animador e influentíssimo apóstolo da mocidade académica do seu tempo.

Olhado à luz destas premissas, já nos não parecerá estranho, mas, antes, muito natural, o seguinte facto: a Ordem dos Pregadores, sem pretender de modo algum cultivar a filosofia pela filosofia, realmente veio a constituir, como diz Chesterton, «uma irmandade de filósofos».

É, com efeito, muito elevado o número de filósofos dominicanos — tão elevado, que a tarefa de os mencionar a todos não cabe nas possibilidades de um mero artigo como este. Mais: nem sequer é fácil apresentar o elenco dos mais notáveis sem correr o perigo de injustas comparações e omissões. Desse perigo quase só estamos livres a respeito de um nome — S. Tomás de Aquino —, se o colocarmos bem à frente da lista. Aliás, a preeminência do grande mentor da escolástica excede o âmbito da sua Ordem e o da própria escolástica: o Doutor Angélico é, sem favor, um dos maiores filósofos de todos os tempos; comparadas com ele, certas celebridades de ontem e de hoje não passam de vulgaridades mais ou menos distintas, entronizadas, tantas vezes, pela frivolidade dos homens.

Nestas condições e posta de parte a ideia de catalogar os principais filósofos dominicanos, bastará meia dúzia de nomes para exemplificar a actividade filosófica dos Pregadores em várias épocas e latitudes: no século XIII, S. Alberto Magno, professor de S. Tomás; nos séculos XV, XVI e XVII, o Cardeal Caetano, o mestre salmanticense Francisco de Vitória e o português João de S. Tomás; nos nossos dias, Sertillanges e Garrigou-Lagrange, para não falar dos ainda vivos.

II

USO E ABUSO DA FILOSOFIA

Todavia, muito mais do que o número de pensadores dominicanos, interessa o espírito que anima o seu labor filosófico.

E, se neste ponto insisto um pouco mais, não é com o intuito de apologizar aqui o pensamento de S. Tomás acerca do uso ou da função da filosofia. A tal respeito, aduzirei sòmente uma reflexão do Doutor Angélico: vem na **Summa theologiae**, num passo em que é transcrito o aviso de S. Paulo aos Colossenses, a preveni-los contra a filosofia. Se o Apóstolo dá esse aviso, — diz S. Tomás — é «porque alguns filósofos abusam [da filosofia] para combaterem a fé», e não porque o estudo da filosofia, em si mesmo, seja condenável ou nocivo — é, pelo contrário, «lícito e louvável, por causa da verdade» que por meio dele conhecemos.

No entanto, por muito clássica que seja a doutrina de S. Tomás a este propósito, julgo que, precisamente por se tratar aqui da Ordem dos Pregadores e da sua atitude para com a filosofia, mais significativo será o testemunho de alguém que foi, de 1254 a 1263, mestre geral da Ordem e que, como tal, exerceu nesta uma poderosa influência: refiro-me a Humberto de Romans. E o seu testemunho adquire mais valor ainda, se tomarmos em consideração este facto a que alude S. Alberto Magno: a existência, então, de «certos ignorantes que combatem de todos os modos o estudo da filosofia e, principalmente, esse estudo entre os Irmãos Pregadores».

Pois bem: ao expor as constituições da sua Ordem (**Expositio in Constitutiones Fratrum Praedicatorum**), Humberto de Romans trata explìcitamente do assunto — «se podemos estudar filosofia». Que sim — responde ele. E apoia-se em razões várias, que se podem reduzir a uma — à «nossa obrigação de estudar para o bem das almas»:

Na verdade, «é pela filosofia que muitos estão ou virão a atacar a fé católica. Para melhor defesa da fé, convém, portanto, conhecer algumas das opiniões dos filósolos». Além disso, «muitos erros, que neles e noutros se encontram, podem ser refutados com certas verdades que eles mesmos professam».

Claro está que estas razões, de ordem apologética e, por isso, um

tanto negativa, já se referem ao bem das almas («o maior bem que se pode fazer a uma pessoa — escreveu S. Tomás — consiste em levá-la do erro à verdade»). Humberto de Romans, todavia, não atendeu menos às razões de ordem positiva. Eis algumas das que ele apresenta:

Na Sagrada Escritura, por exemplo, «muitas coisas há que não podem ser entendidas sem a ajuda das ciências filosóficas»; «por meio destas ciências o espírito humano ganha perspicácia para melhor entender as coisas divinas»; «é mais fácil, para muita gente, deixar-se mover para o bem a partir destas ciências do que a partir da Sagrada Escritura»; «muita gente, não as tendo aprendido, dá-lhes mais apreço enquanto as ignora do que depois de as conhecer — de tal modo, que, tendo-as aprendido, já as olha com menos apreço e prefere a ciência teológica às ciências filosóficas».

Retenhamos esta última alegação. Se a tivermos em conta, compreenderemos, talvez, melhor as seguintes palavras do Beato Jordão e talvez não achemos tão mordaz a sua referência aos teólogos:

«Não tendes notado que os camponeses, afeitos a beber água, se embebedam, logo que se lhes dá vinho, mais depressa e mais fàcilmente do que os fidalgos e os burgueses a ele acostumados? O mesmo se diga quanto aos dialécticos: bebem água de Aristóteles durante toda a semana; por isso, quando vêm beber, no domingo, a palavra do Evangelho, eles entram, mais fàcilmente do que outros, numa santa embriaguez. Acostumado a nutrir a sua alma com as divinas sublimidades, o teólogo nem sempre dá justo apreço ao dom que recebeu: assemelha-se, com demasiada frequência, ao sacristão — de tal maneira afeito a passar diante do altar, que já nem o saúda»...

Recordemos, finalmente, que Jordão da Saxónia foi algo mais do que simples mestre geral da sua Ordem, assim como Humberto de Romans não foi apenas mestre geral nem mero expositor das respectivas constituições: quanto a Jordão, foi decisiva a sua influência no próprio estabelecimento da legislação dominicana; e, quanto a Humberto, foi ele até um dos codificadores e redactores dessa mesma legislação.

Podemos, pois, concluir que, logo desde o século XIII, a actividade filosófica dos Pregadores se orienta, de direito e de facto, para o bem das almas e está, por isso mesmo, ao serviço da teologia.

III

FILOSOFIA, VIDA E CULTURA

A escolástica, no pensar de muitos que a ignoram, mais não é do que embaraçosa teia de inanes subtilezas, jogo de abstracções que não se alimentam da realidade concreta e que, portanto, pairam distanciadas e alheadas da existência e dos reais problemas que a vida levanta.

Sem pretender negar que houve na escolástica períodos decadentes, seria, no entanto, desonesto subscrever tão falsa caricatura — falsa, repito, porque atrevidamente generalizadora. Se tem havido cubistas e malabaristas da inteligência, devemos procurá-los, antes, fora da escolástica.

No que aos filósofos dominicanos diz respeito, observe-se que o apregoado intelectualismo de S. Tomás, longe de constituir um filosofismo exacerbado e esquelético, é, pelo contrário, muito moderado. E, se sempre esta afirmação deveu ser acatada, muito mais o deve ser hoje, depois de investigações mais aprofundadas, feitas no presente século.

Vejamos, a propósito, o seguinte passo da grande **Summa**: «Em vez de instruir uma pessoa que está a morrer de fome, preferível seria dar-lhe de comer; assim como, no dizer do Filósofo, mais vale ao pobre abastecer-se, do que filosofar — se bem que, absolutamente falando, filosofar é melhor». Este trecho, na sua brevidade e lhaneza, ilustra bem uma das excelências do tomismo: este último, embora se não possa confundir com a atitude mental do homem ordinário (já que, «absolutamente falando, filosofar é melhor»...), não teme, contudo, aproximar-se da caseira sapiência do «primum vivere, deinde philosophari», jamais perde de vista a realidade quotidiana, e alimenta-se, até, das mais simples e autênticas verdades do senso comum.

O leitor concordará, certamente, com quem lhe disser que, neste nosso mundo, a questão das modas e ornatos femininos é problema vital para muita gente, para muita gente boa até. Pois bem: se concordar, já não estranhará que a esse problema o Angélico Doutor consagrasse um artigo inteiro da referida **Summa**; e ainda menos estranhará que no século XX, em Paris, capital das modas, um outro filósofo domi-

nicano — Sertillanges, em **La philosophie morale de saint Thomas d'Aquin** — tenha exposto a doutrina daquele mesmo artigo, sob a epígrafe **La toilette féminine.**

O intelectualismo tomista e dominicano é assim: com os pés bem assentes na terra e os olhos postos no céu, tem a paixão, mas não a vertigem, das alturas. E, porque assim é, não admira que um grande número de almas grandes se tenha franqueado à sua influência, desde o século XIII até hoje, em variadas zonas da cultura do espírito e mesmo entre aqueles que não foram ou não são filhos espirituais de S. Domingos.

Sirvam de exemplo personalidades tão egrégias e, ao mesmo tempo, tão diversas como Dante, Santa Catarina de Sena ou, em nossos dias, Jacques Maritain. Estudando-lhes a fisionomia espiritual, nela nos surgem traços vigorosos e inconfundíveis, vincados por mestres dominicanos.

Tudo isto nos leva a concluir que o filósofo autênticamente dominicano, se nem sempre vive a filosofar, filosofa sempre para viver e fazer viver. Quando, pois, reconhecemos ou sublinhamos o intelectualismo que lhe é característico, bem longe estamos de lho imputar como viciosa hipertrofia; estamos, antes, a proclamar um verdadeiro título de glória, sobretudo se nos lembrarmos, uma vez mais, da dominicana «obrigação de estudar para o bem das almas».

«La sainteté de St Thomas est **la sainteté de l'intelligence**» — escreveu Maritain. Afortunada a Ordem que criou tal mestre e que segue tal modelo!

NOTA BIBLIOGRÁFICA:

Entre muitíssimas obras dignas de citação, julgo-me no dever de mencionar as três seguintes:

V. **MC NABB, The Catholic Church and philosophy,** Londres, 1927.

M. **ARON, Un animateur de la jeunesse au XIIIe siècle,** Paris, 1930. Inclui uma **Introduction** de P. **MANDONNET.**

M. **GRABMANN, A filosofia da cultura de Santo Tomás de Aquino,** trad. **L. LEAL FERREIRA,** Petrópolis — Rio de Janeiro — São Paulo, 1946.

C. M. B.
BIBLIOTECA

Composto e impresso na
LIVRARIA EDITORA PAX, LDA.
BRAGA

biblioteca
municipal
barcelos
28629
Os dominicanos e a filosofia